

## **Educação e Movimento Negro:** a experiência da Frente Negra Brasileira.

*Juliana Alves de Sousa<sup>1</sup>*  
*Cláudio Rodrigues de Melo<sup>2</sup>*

**Resumo:** Este artigo tem por objetivo analisar a trajetória da Frente Negra Brasileira e sua relação com a educação na primeira metade do século XX. A pesquisa aborda a trajetória do Movimento, em sua luta pela educação antidiscriminatória. O recorte temporal dessa pesquisa compreende o período entre 1931 a 1937. Para tanto, levanta-se questões fundamentais acerca da própria definição temporal do Movimento Negro, e o seu posicionamento sobre a educação, apresentando a criação de entidades que foram fundamentais para o incentivo aos estudos e para a escolarização da população negra, por exemplo, a Frente Negra Brasileira - FNB. A metodologia empregada para a construção desse artigo foi à análise do periódico oficial "A Voz da Raça". Em 1888, a Lei Áurea que aboliu a escravidão não veio acompanhada de políticas de inclusão, sendo um direito fundamental definido constitucionalmente. O Estado legitimou decretos que impediam a população negra de frequentar a escola. Afinal a educação escolar hoje é fundamental para o exercício da cidadania, e tal princípio é indispensável para a participação de todos nos espaços sociais, políticos e no mundo profissional.

**Palavras-chave:** Educação. História. População negra. Trajetória. Instituição.

**Resumen:** Este artículo tiene como objetivo analizar la trayectoria del Frente Negro Brasileño y su relación con la educación en la primera mitad del siglo XX. La investigación aborda la trayectoria del Movimiento, en su lucha por la educación contra la discriminación. El marco temporal de esta investigación comprende el período comprendido entre 1931 y 1937. Para ello, se plantean interrogantes fundamentales sobre la definición temporal del Movimiento Negro y su posición en la educación, presentando la creación de entidades que fueron fundamentales para fomentar estudios y escolarización para la población negra, como el Frente Negra Brasileira - FNB. La metodología utilizada para la construcción de este artículo fue el análisis de la revista oficial "A Voz da Raça". En 1888, la Ley Áurea que abolió la esclavitud no fue acompañada de políticas de inclusión, siendo un derecho fundamental definido constitucionalmente. El Estado legitimó decretos que impedían que la población negra asistiera a la escuela. Después de todo, la educación escolar hoy es fundamental para el ejercicio de la ciudadanía, y tal principio es indispensable para la participación de todos en los entornos sociales, políticos y profesionales.

**Palabras-clave:** Educación. Historia. Población negra. Trayectoria. Institución.

### **Educación y Movimiento Negro: la experiencia del Frente Negro Brasileño.**

---

1 Graduação em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual do Piauí- UESPI. Mestranda pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana- UNILA. Pesquisadora filiada ao Núcleo de Estudos e Pesquisas Afro -NEPA, e ao Núcleo de Estudos e Pesquisa em História e Memória da Escravidão e do Pós-abolição (SANKOFA). Email: juhistorias@yahoo.com.

2 Mestre, Professor/Pesquisador na Universidade Estadual do Piauí - UESPI nas temáticas de cultura, juventude, quilombos e relações étnico raciais no Brasil. Email: claudiomelo01@hotmail.com.

## **Movimento Negro organizado: a experiência frentenegrina.**

Acabada a experiência abolicionista, no pós-abolição, a população negra viu-se entregue à própria sorte. Não houve inclusão dos mesmos na sociedade, já que agora eram pessoas que gozavam de liberdade no âmbito legal. Pelo contrário as dificuldades só aumentaram. Na cidade não recebiam instrução técnica necessária para se engajar na nova conjuntura que se projetava, em especial no campo do trabalho (a mão de obra qualificada), não tinham acesso à educação. Um dos meios principais que os negros buscavam para ascender na sociedade, pois no campo, não tinham terras para cultivar. É em meio a esse cenário que saímos do século XIX e adentramos no século XX.

“Descendentes de escravos e ex-escravos, permaneceram em sua maioria em estado de pobreza, mas também sem os instrumentos indispensáveis para superar a tal situação” (RISÉRIO, 2007, p. 353). Nessas condições o negro não tinha como ser um trabalhador que se encaixasse nas novas demandas do mercado de trabalho, ou seja, um trabalhador qualificado. Estava fadado a ser um subproletariado urbano, se tornando cada vez mais marginalizado na sociedade, quando não, sendo levado à prostituição e a criminalidade. Estando nos níveis mais degradados da hierarquia social, reforçavam-se os estereótipos acerca de sua irresponsabilidade, preguiça e capacidade mental, reforçando a ideia de inferioridade, vindo, em algumas vezes, a ser responsabilizado por isso. Em suma, o negro estava privado de meios para vencer a situação em que se encontrava, sendo atribuído à sua raça o estado de miséria. Porém, apesar de todas as dificuldades, segundo Risério (2007), haviam nas principais cidades brasileiras, negros de elite “classemedializados”, que furaram o cerco e conseguiram de forma indiscutível a mobilidade que lhes proporcionaram menos humilhação e um certo conforto material. Claro que isto não constituía a regra nessa época, pelo contrário, eram exceções.

A falta de mobilidade social e consequentemente profissional, a falta de perspectiva e a ausência de oportunidade, são condições para a emergência de um protesto negro, de uma reivindicação coletiva. Esta veio justamente daqueles que conseguiram uma ascensão social chegando à classe média, e assim foram construindo pontes que ligassem essa elite à massa negra. Para nos aprofundar no núcleo desse movimento que começa a ferver, é necessário compreendermos um pouco do contexto histórico, político, ideológico que se apresenta. Estávamos na década de 1920, momento de efervescência nacional modernista, e da história

política do Brasil, além do centenário de comemoração da Independência do Brasil. Aconteciam em 1922 o movimento modernista, e a primeira revolta tenentista, que mais na frente se desdobraria na Revolta Paulista<sup>3</sup> e na Coluna Prestes, além da formação do Partido Comunista Brasileiro. Era toda uma movimentação que convergia para desembocar na Revolução de 19310.

Os tenentes pretendiam, em palavras mais corriqueiras, arrumar o país, pôr um fim aos vícios do regime oligárquico. Resumindo em poucas palavras, tinham por objetivo combater a política oligárquica, acabar com o voto aberto (voto de cabresto), a defesa do industrialismo, da assistência social e do nacionalismo. Do outro lado, socialistas, comunistas e anarquistas, defendendo a autonomia e a organização das classes trabalhadoras, denunciavam os males sociais promovendo protestos públicos e greves. Conforme Risério (2007):

O fenômeno começa a se desenhar no final do século XIX. Mas é no século seguinte que presença do povo vai-se tornar incontornável. “É o surgimento do povo, o fato novo deste século”, como disse Leôncio Basbaum, em sua *História Sincera da República*. E em meio ao povo, manifestam-se, de forma inédita, os negros mestiços (RISÉRIO, 2007, p. 355).

Assim, começa a movimentação negra na década de 1920. É nesse contexto, da presença do povo ligado ao clima geral de efervescência de ideias, e renovações políticas, que a população negra se insere, sendo bastante intensa na cidade de São Paulo as movimentações políticas e ideológicas, percebendo a sua situação de vulnerabilidade, como por exemplo, a carência de formação profissional, a falta da educação, dentre outras dificuldades, e visualizando com maior nitidez as disparidades sociais, a população negra começa reagir à altura em contraposição a toda essa situação.

Desde final do século XIX, vinham sendo fundadas várias associações que defendiam a causa da população negra, com caráter recreativo e beneficente, incentivando a solidariedade e a união para superar as dificuldades sócio-econômicas, despertando elementos coletivos de identificação. No caso de São Paulo, os negros paulistanos se agrupavam em sociedades de bailes dançantes e entidades esportivas, que partindo desses encontros, mais na frente resultaria na criação da Frente Negra Brasileira - FNB e, paralelamente, ao surgimento de uma imprensa negra. Jornais esses que noticiavam aniversários, bailes, recepções, tendo como pauta principal as questões raciais e sociais, assuntos que somente interessavam a

---

<sup>3</sup>Foi à segunda revolta tenentista e o maior conflito bélico da cidade de São Paulo. Teve início na madrugada de 05 de julho e terminou em 28 de julho de 1924. A revolta foi motivada pelo descontentamento dos militares com a crise econômica e a concentração de poder nas mãos de políticos de São Paulo e Minas Gerais.

“gente de cor”<sup>4</sup> Para além disso, expressavam a preocupação com a ascensão social, o que para isso era necessário aprimoramento cultural, bom comportamento, boas maneiras e, é claro, a educação formal.

Portanto, nos anos finais do século XIX e iniciais do século XX, depois de anos silenciados, a população negra passa a se manifestar de forma mais enfática a partir da década de 1920, pleiteando uma participação efetiva na sociedade brasileira. Estavam dadas as condições para que o movimento negro, alçasse voo, tanto em termos culturais como em termos sociais. As ideias sobre o debate racial, dentre outras demandas, tinham amadurecido, o por sinal afirma Risério (2007), surpreenderam os líderes do movimento com alto índice de adesão a Frente Negra Brasileira. Porém, antes do surgimento da FNB e que ela ganhasse as devidas proporções de adesão e propagação das ideias frentenegrinas, houve outras experiências de organização da negritude, como o Centro Cívico Palmares.

Idealizado por Antônio Carlos, sargento da Força Pública de Campinas, que participou do movimento tenentista de 1924, em outubro de 1926 é fundado o Centro Cívico Palmares (CCP), na cidade de São Paulo. É a associação mais importante fundada antes da criação da FNB, reconhecida pelo grau de organização, por ter características políticas mais evidenciadas do que as atividades recreativas, e pela própria FNB reconhecer o Centro Cívico, como experiência embrionária da formação frentenegrina, que continuaria nas décadas posteriores com militantes na FNB e no Teatro Experimental do Negro (TEN). Com o fim do Centro Cívico Palmares em 1929, um grupo que já tinha passado pela experiência da instituição, tinha a intenção de fundar um órgão que lutasse efetivamente pela causa da população negra relacionando as questões políticas e sociais recuperando os ideais do CCP. Partindo de toda essa experiência é fundada oficialmente a Frente Negra Brasileira.

### **Frente Negra Brasileira: a voz que ecoa**

Considerando de todas as experiências vivenciadas antes da fundação da FNB, como as associações beneficentes e recreativas voltadas para a população negra, algumas já com um certo nível de organização como o Centro Cívico Palmares, por que identificamos a Frente Negra Brasileira como o início do movimento negro brasileiro?

Da forma mais simples e clara, tentaremos responder essa questão a luz de escritos que versam sobre a FNB. Apesar de antes de 1931, militantes e pesquisadores, reconhecerem os

---

4 Expressão usada para caracterizar a população negra, que pouco tempo depois foi substituída pela palavra negro (RISÉRIO, 2007, p. 360).

processos associativos como clubes e outras entidades existentes, eles não identificam nos mesmos um propósito claro sobre o combate à discriminação racial, e nem tão pouco a preocupação com a ascensão da população negra. George Andrews escreve que:

Com a exceção das irmandades religiosas, todas as organizações que examinamos até agora (antes de 1930) concentravam suas atividades no lazer e na recreação. Embora elas tenham surgido como reação à discriminação e à segregação racial, não foram criadas com o propósito de combater ativamente essa discriminação. Várias delas deixaram evidências - em seus registros e em seus jornais - da infelicidade e da inquietação entre seus membros com respeito à desigualdade social e às barreiras de cor em São Paulo; mais nenhuma delas parecer ter realizado qualquer esforço coletivo para protestar, reduzir ou eliminar esses males (ANDREWS, 1988, p. 222).

Assim Andrews deixa claro que o pensamento dessas associações expressava apenas uma consciência dos problemas vivenciados, mas não desenvolviam estratégias para melhorar ou reverter tal situação. Para Oliveira (2008), as associações anteriores a FNB não foram organizadas com o objetivo de esclarecer, entender e resolver os problemas inerentes à população negra naquele momento, ou seja, não se uniram em prol da promoção do negro. Desta forma, os pilares do movimento negro seriam a conscientização de tal situação e partindo desta, a busca por mudança e transformação.

Compartilhando da mesma linha de pensamento, Roger Bastide (1959), identifica uma mudança na imprensa negra paulista pós 1930, em que a reivindicação deixa de ser apenas um ato meramente jornalístico, passando a ser parte de um ato político. Por sua vez Petrônio Domingues (2005) afirma ser o movimento negro produto das conjunções deliberadas dos ativistas, que não somente buscavam respostas inerentes ao grupo, mas, principalmente, eram movidos por projetos políticos-ideológicos. Desenvolvida por Virginia Bicudo (1945), a primeira pesquisa que traça a trajetória da FNB, conclui que a entidade se constituía de um caráter político, no qual a luta primordial era contra os obstáculos da ascensão social. Assim, incentivando a autoestima, desenvolvendo a solidariedade e despertando para uma consciência grupal, a Frente obteve um papel primordial na conscientização para despertar nos negros, a consciência da sua própria condição.

Ao citarmos alguns dos principais argumentos levantados por pesquisadores, podemos perceber ideias em comum para mostrar o porquê da FNB ter sido considerada a pioneira do movimento negro brasileiro. Destacamos dentre elas, a desigualdade social, a resolução de problemas inerentes a população negra, discriminação racial, a face política-ideológica em defesa do grupo o esforço coletivo de protesto. Analisando essas ideias, em maior ou menor

grau essas características levantadas, já estavam presentes em outras associações (como no CCP). Deste modo, foi a sua dimensão, em vários sentidos como o alcance geográfico, alcançando várias regiões do Brasil, as frequentes atividades realizadas, o número significativo de associados, as publicações de jornais etc, que as caracterizam por ser a pioneira.

Arlindo Veiga dos Santos, o primeiro presidente, merece ter uma atenção especial por ter pulso firme em suas decisões e uma personalidade forte. Nascido em 12 de fevereiro de 1902, de origem humilde, iniciou em Itu, cidade interiorana de São Paulo, seus estudos em escolas católicas, ainda na adolescência mostrou talentos jornalísticos e literários. Por problemas financeiros transferiu-se para a capital, onde teria feito o curso de Filosofia e Letras, na Faculdade de Filosofia e Letras de São Paulo. Veiga era ligado ao catolicismo e quando se mudou para a capital passou a fazer parte da Congregação Mariana da Imaculada Conceição de Santa Ifigênia. Seu envolvimento teria sido tão profundo que Veiga dirigiu ou colaborou com alguns jornais católicos entre os quais: O Mensageiro da Paz e O Século. O que influenciará mais na frente na criação do jornal oficial da FNB, A Voz da Raça.

Estudando a biografia desses personagens, observamos que os membros da direção da Frente eram pessoas letradas, que tinham formação superior ou ocupavam cargos de relevância para o contexto social da época, como por exemplo, Aristides Barbosa, membro da entidade formado em Letras e Sociologia, Francisco Lucrécio secretário-geral, havia sido funcionário público e cirurgião-dentista, Deocleciano Nascimento jornalista, José Assis Pinheiro e João Miguel eram professores, Justiniano Costa, que mais na frente assumirá a presidência da entidade, fora funcionário público. Aqui estão destacados apenas alguns dentre outros membros que possuíam um certo grau de letramento.

Com o passar do tempo e a grande adesão de membros, necessitando de mais espaço, a sede transferiu-se para um prédio mais amplo na Rua da Liberdade, número 196, o qual permaneceu alugado até sua dissolução. Isso indica o rápido crescimento de membros associados. Há algumas estimativas em relação ao número de adesões, mas determinar o número exato de membros é algo difícil. Alguns pesquisadores (FERNANDES, 1995; DOMINGUES, 2004) estimam o número de aproximadamente 22.000 sócios, outros 15.000, 50.000, 100.000 associados em todo o território nacional. O certo é que houve muitos associados, apesar de não se ter um número preciso dos mesmos.

Nesse estudo falamos e reforçamos a ideia de que a FNB se destacou também por ser uma entidade política e organizada. Podemos ver isso claramente ao examinarmos sua

organização administrativa<sup>5</sup> composto por membros associados responsáveis pela administração, o Conselho Geral reunia-se semanalmente, o qual era dividido em vários setores. Suas instâncias eram a presidência, máxima autoridade dentro do conselho, os conselheiros, responsáveis pela fiscalização, secretário geral, responsável pelo andamento das atividades e substituto do presidente em sua ausência, 1º e 2º secretários ficando com o cargo das correspondências das delegações e atendimento direto aos associados, subsequentemente, cabos, agentes externos da Frente, tesoureiro geral, incumbido pela parte financeira, e os fiscais fretenegrinos que prezavam ordem material e moral, higiênica e segurança da entidade.

Organizados e distribuídos os cargos administrativos, com o anseio de facilitar a administração das inúmeras atividades e para melhor atender as necessidades de seus associados, a Frente Negra criou vários departamentos. Por exemplo, o Departamento de Instrução e Cultura, que mais na frente nos aprofundaremos nele. O Departamento Musical, que ensinava aos associados a tocarem instrumentos musicais. A organização possuía sua própria banda, sob a regência de José Eugênio da Costa e posteriormente de Maurício Queiroz.

O Departamento Esportivo, dirigido por Benedito dos Santos e posteriormente por Clemente Teixeira de Barros, organizava competições esportivas e ofereciam aulas de ginástica nos domingos. Em relato concedido a Márcio Barbosa, Aristide Barbosa relata o motivo de ter um time formado pela Frente:

Em Mococa havia um racismo tremendo. Para se ter uma ideia, não podíamos jogar no time de futebol dos brancos. Éramos sempre deixados de lado, embora nunca dissessem explicitamente a razão. Tivemos então a iniciativa de formar um time de futebol só de pretos. Dessa forma podíamos jogar. (BARBOSA, 1998, p. 17).

Quando os departamentos foram criados, a ideia era que a população negra tivesse acesso, aos programas básicos ou assistências mínimas para terem uma vida digna e participativa nas mais diversas áreas da sociedade, assistências essas que eram para vir do Estado, mas por vários motivos isso não aconteceu. Indo mais além nas atividades oferecidas pela Frente, focava-se em entender as situações relativas à população negra, e uma delas que dificultava a ascensão social do negro era o racismo, explicitado no exemplo acima. Francisco

---

5 Todos os cargos eram preenchidos por aclamação. Nenhum cargo era remunerado, sendo todos os serviços oferecidos gratuitamente. Todo dinheiro arrecadado era investido na própria instituição.

Lucrécio Secretário Geral, reafirma a consciência de luta contra o racismo. Em relato concedido a Márcio Barbosa, Lucrécio afirma:

Eu já estava com vinte e um anos quando vim para São Paulo. Cheguei aqui depois da Revolução de 30. Já existia a imprensa negra, eu tinha consciência de que era preciso lutar, tanto que entrei para a Frente Negra e não sei mais, porque as outras entidades de negros não cuidavam das reivindicações sociais e políticas nem tampouco enfrentavam o preconceito assim como a Frente Negra o fez. (BARBOSA, 1998, p. 36).

Outro Departamento criado e de extrema importância foi o de Imprensa. Tendo como redator Deocleciano Nascimento, Pedro Paulo Barbosa como secretário, e A. de Campos, o gerente do jornal *A Voz da Raça*, órgão oficial de comunicação da Frente que tem suas primeiras publicações no ano de 1933. Dependendo das condições financeiras do momento, a tiragem de exemplares variava entre 1000 a 5000 mil exemplares, contendo uma média de quatro páginas por exemplar. Estruturalmente era organizado em colunas, com diagramação ainda precária.

O jornal veiculava assuntos diversos, como por exemplo, comunicados, notas de falecimentos, festas, casamentos, batizados, aniversários, demonstrativos de contas e de despesas, propagandas de serviços prestados pelos próprios integrantes, como costureira, contador, cabeleireiro, dentre outros. Além desses informes é claro trazia os posicionamentos e decisões dos membros da diretoria. Apesar das dificuldades encontradas na realização do jornal, *A Voz da Raça* exerceu um papel bastante importante para a divulgação das ideias e do projeto político-ideológico da FNB, principalmente na função de conscientização da população negra sobre questões relativas à mesma.

O Departamento Jurídico-Social, era responsável por resolver denúncias e queixas, envolvendo questões raciais, direitos civis e questões trabalhistas. Inicialmente dirigido pelo advogado Guaraná de Santana que sairá em 1932, posteriormente é administrado por Paulo Lauro, Arlindo Veiga, Ademar de Barros. Estes recebiam as denúncias e tomavam as devidas providências, defendendo os associados e a população negra em geral. Podemos verificar no fragmento abaixo:

[...] eu também recebia pessoas com problemas de discriminação e encaminhava ao departamento especializado, para o departamento de pesquisa que ia verificar in loco os casos relatados pelos sócios. [...] Antes de entrar na assessoria jurídica, o Conselho tomava conhecimento do fato encaminhado pelo departamento. Se pudesse resolver amigavelmente seria resolvido; do contrário, iria um advogado da Frente Negra que entrava no meio da questão. Um dos advogados foi o Marcos Leão. Outro advogado

importante foi o Dr. Paulo Lauro, que foi prefeito de São Paulo nomeado por Ademar de Barros. O Dr. Paulo defendeu um soco da Frente Negra no caso do restaurante chinês. Houve um crime num restaurante aqui em São Paulo. Mataram três chineses e a polícia colocou culpa no Arias de Oliveira, o cozinheiro, que era negro e sócio da Frente. O Arias foi preso. O Dr. Paulo Lauro libertou-o, provando sua inocência e desmoralizando a polícia, que prendera um inocente. Também tivemos como advogado Guaraná de Santana, que ficou uns tempos e depois divergiu da Frente. Saiu para comandar a Legião Negra. (BARBOSA, 1998, p. 47-48).

Além desses departamentos, a entidade ainda possuía serviços como, local para jogos e divertimentos, posto de alistamento eleitoral, com finalidade de fornecer títulos a quem não possuía, caixas beneficentes, cruzadas femininas, orientações e recomendações sobre a busca de empregos. Percebemos claramente a preocupação da Frente Negra Brasileira em fornecer todas essas atividades, para a melhoria das condições de vida da população negra, proporcionando, também, um convívio maior entre seus membros e fortalecendo cada vez mais os laços de luta, laços identitários.

### **A Educação Frentenegrina: A Valorização da Educação Formal para a Negritude**

O primeiro Departamento citado sempre nas pesquisas e em livros de pesquisadores que escreveram<sup>6</sup> sobre a Frente Negra Brasileira é o departamento de Instrução e Cultura. Para pesquisadores que se interessam pela área da educação, especificadamente, a educação da população negra, a FNB, foi a entidade que se preocupou de fato com a escolaridade desta população. O longo período de escravidão no Brasil impediu o desenvolvimento intelectual do negro, com interdições escolares partindo do próprio Estado<sup>7</sup>. A Frente reconheceu tal carência. Não somente reconheceu como deu subsídios para mudar tal realidade. Logo em seu estatuto de fundação<sup>8</sup> no Art. 3º é claro o interesse que o negro se escolarizasse, reforçado mais ainda no parágrafo único, o qual diz que para o acesso à educação a Frente criará escolas técnicas de ciências e de artes. Era preciso comprometimento de todos para reverter quatro séculos de desamparo educacional. A ignorância era o principal elemento a ser combatido:

Não sabemos de mal maior que copia entre nós do que a ignorância. Não sabemos se também é uma das contas de fatalidades, que muito pesa no rosário pesadíssimo da infortuna lendário, que a raça descendente de Cam carrega através dos tempos. Ela, a ignorância, como um estigma ferrenho e

---

6RISÉRIO, 2007; OLIVEIRA, 2008; DOMINGUES, 2004; SANTOS, 2014.

7MACIEL, 1997, p. 35.

8 Estatuto da Frente Negra Brasileira. Diário Oficial de São Paulo. São Paulo, 04 de novembro de 1931.

cruento, aniquila o espírito de compreensão tolerância, que deverá ser os das massas negras no Brasil. ela é responsável pela anarquia social do meio e opera como geradora do ódio inconcebíveis mesquinhas inimagináveis. (A VOZ DA RAÇA, jul de 1936, p. 1).

Diante do excerto acima evidencia-se, a ignorância como uma fatalidade que a raça negra carrega ao longo dos anos. Ela seria para Rajovia - o autor do artigo- o germe das incompatibilidades, que muito atrapalha e impede a melhor e a maior unificação entre os negros. Desta forma entende-se, na leitura mais profunda do artigo e na ideia do autor, que a inteligência não seria um privilégio de cada raça, mas sim um dom de todos, e que apenas seria necessário despertar essa inteligência latente em cada um e promover o desenvolvimento por meio da instrução, trabalhando também o aspecto moral e cívico.

O Departamento de Instrução e Cultura foi conduzido por José Assis Pinheiro até o ano de 1933, sendo posteriormente dirigido por Aristides Negreiros e consecutivamente por Francisco Lucrécio. No ano de 1932 foi criado o curso de alfabetização de adultos e, em 1933, foi anunciado a criação do Liceu Palmares. Este propunha a ministrar o ensino primário e secundário, comercial e ginasial aos filhos dos sócios da Frente Negra. Segundo a matéria do jornal oficial, o curso ainda aceitaria alunos que não fossem sócios da entidade, como por exemplo, brancos ou estrangeiros<sup>9</sup>.

Foi com a Frente Negra Brasileira, que os cursos noturnos foram criados, para instruir não somente as crianças, mas também os adultos, os quais tinham suas obrigações, com o trabalho, estes poderiam frequentar a escola da Frente Negra sem atrapalhar a sua vida cotidiana. Um dos meios encontrados para a divulgação dos cursos de alfabetização foram as notícias sobre instrução contidas no jornal A Voz da Raça, que além de informar as aberturas e os encerramentos dos cursos, ressaltavam a importância do curso. Vejamos nesse fragmento:

Negros, negros, ides para a escola, aprender, aperfeiçoar no manejo das letras alfabéticas para que possais, amanhã, tirar o melhor partido delas, para a glória do Brasil e de vossa raça oprimida, hoje pelo preconceito de cor que os brancos dizem não existir no Brasil e enquanto conservam as suas tradições, jogando o negro no último plano do convívio social, sem lhe oferecer terreno nessa escalada cívica do mundo atual. Eles não vos oferece terreno, mas como tendes direito de agir, em face a liberdade das leis do país, a vos pertence a ação para o vosso bem e do vosso próximo. (A VOZ DA RAÇA, 3 de fev de 1934, p. 4).

---

9 A Voz da Raça, 25 de março de 1933, p. 4.

As razões apontadas acima, mais uma vez retratam que a instrução formal é um grande passo para melhorar as condições de vida, e é necessária para que no futuro, os negros gozassem de todos os benefícios que a educação possa oferecer. Há também uma chamada de responsabilidade para si, já que a poucas oportunidades para se chegar lá, a iniciativa parte do próprio interesse para o processo de formação, sendo incentivada pela entidade. Inicialmente a escola funcionou com o caráter extra-oficial, posteriormente em julho de 1934, foi reconhecida formalmente pelo Estado de São Paulo. Com a legalização, o governo nomeava as professoras e uma delas foi a Dra. Francisca de Andrade, adjunta do grupo escolar Cabreuva<sup>10</sup>. No artigo do jornal oficial, a Frente publica a notícia com o maior entusiasmo, e relata que não tem medido esforços para a realização deste ideal, que é dar aos filhos dos associados e aos demais, carinho e instrução. Ainda nas palavras de Francisco Lucrécio:

Os negros eram poucos alfabetizados e tinham dificuldades até para freqüentar a escola. A Frente Negra incentivava porque possuía, dentro de sua sede, uma verdadeira escola. Tinha curso de alfabetização, mas não dava esse nome. Era “educação Moral e Cívica”. Nos cursos, os professores davam aulas gratuitamente. Os fretenegrinos que estudavam e estavam fazendo engenharia, outros que faziam Biologia, outros Comércio, eles se propuseram a dar aulas. Existiam diversos professores: o Raul Amaral, o Lino Guedes, que era jornalista, Salatiel de Campos, que também era jornalista. Havia as mulheres que eram professoras. Tinha a Celina Campos professora de música, a Gersen Barbosa. A escola da Frente Negra era formada por quatro classes, com professoras nomeadas pelo governo. Nas classes a gente até aceitava os filhos de japoneses, que moravam ali pertinho. A escola foi importante, principalmente quando a Frente Negra se aprofundou na questão política. Então precisaria que o negro se alfabetizasse para tirar seu título de eleitor. Esse foi um momento muito grande. (BARBOSA, 1998, p.42).

Nas palavras de Lucrécio é notório a grande proporção que a escola fretenegrina estava tomando. Alunos que já haviam passado por lá, ou que faziam cursos superiores voltavam para ajudar, dando aulas gratuitamente, isso era um exemplo, incentivo para os outros alunos. A entidade se preocupou também em incluir como já dito antes, filhos de não associados, como os japoneses. Isso demonstra que para a entidade a educação não se limita as questões de raça, mas sim um direito de todos. Assim, como os outros departamentos, este funcionava sem o apoio financeiro necessário para sua manutenção, o que o mantinha era a colaboração de alguns associados. Em decorrência desse fato, foram criados vários eventos a fim de arrecadar fundos para suprir as necessidades, como uniformes e materiais que eram

---

10 A Voz da Raça 11 de ago de 1934, p. 2.

dados pela Frente aos alunos que não tinham condições. Na imagem abaixo podemos ver a sala da escola fretenegrina:

Figura1: Classe escolar -1936.



**Fonte:** BARBOSA, Márcio. Frente Negra Brasileira: depoimentos/entrevistas e textos: Márcio Barbosa; organizador Quilombo hoje, São Paulo, 1998, p.43.

Como podemos ver no registro fotográfico, na classe haviam duas professoras ao fundo da sala, a professora da esquerda era Gersen. Evidencia-se também uma classe mista de meninos e meninas todos bem vestidos de uniformes e materiais escolares, isto demonstra o grau de organização que a Frente possuía, oferecendo uma educação com os aparatos mínimos para seus alunos. Existia também outro grupo que ajudava nos projetos educacionais, como a Cruzada Feminina, comissão feminina que tinha como uma de suas finalidades confeccionar o material didático e o uniforme dos alunos.<sup>11</sup> Em 1936, a escola da Frente Negra estava funcionando a todo o vapor. Em pesquisas feitas (SALES, 2014;

---

11 A Voz da Raça, maio de 1936, p.3.

OLIVEIRA, 2008) não existe consenso sobre o número exato de salas, bem como do número de alunos atendidos. Na referência anterior há o relato que a escola fretenegrina tinha quatro salas de aulas, mas sem especificar para quais cursos eram. Em 1935 *A Voz da Raça*<sup>12</sup> relata que o curso diurno tinha por volta de 48 crianças mais ou menos, o noturno recebia um grande número de adultos. Em 1936<sup>13</sup> tem-se referência de mais de 200 alunos matriculados nos cursos primários.

No encerramento do período letivo havia uma solenidade comemorativa, à qual compareciam convidados e familiares para comemorar o término de uma grande etapa concluída na vida do aluno. No dia 31 de dezembro de 1935<sup>14</sup>, o jornal anuncia mais um término do ano letivo, com a presença do deputado estadual Romeu de Campos Vergal que saúda os alunos concluintes, incitando-os a se esforçarem cada vez mais, além de agradecer o trabalho e o esforço feito pelas professoras Francisca de Andrade e Gersen Barbosa, saudou também nesse mesmo espírito os dirigentes da FNB. Como a entidade possuía a questão da nacionalismo muito forte, isso transparecia para os vários departamentos e na educação não foi diferente.

Era comum ser ensinado a valorizar e a comemorar alguns eventos de valores patrióticos, como por exemplo, o dia 7 de setembro, dia da Independência do Brasil<sup>15</sup> A maior mobilização na escola ocorria nas comemorações do aniversário da Frente, dia 16 de setembro, onde todos eram convidados a participarem das celebrações. Além dos cursos de alfabetização primário, secundário, a instituição ainda ofereceu curso de inglês e de Formação Social. As aulas do curso de inglês eram ministradas aos domingos das 20h às 21h pelo professor Eusébio dos Santos<sup>16</sup>. O curso de Formação Social correspondia ao ginásial que abordava assuntos como política, questões raciais e educação moral e cívica. O presidente Arlindo Veiga era um dos professores que ministrava no curso de Formação, objetivando garantir o aprimoramento moral e intelectual daqueles que frequentavam o curso.

Segundo Domingues (2008), a escola da Frente ia se consolidando cada vez mais, quando começaram a desenvolver um pensamento crítico em face do sistema de ensino, onde escolas e professores eram poucos receptivos ao alunado negro. Olimpio M. da Silva, em um artigo no jornal de 1934, intitulado “O que foi a raça negra”, denunciava a existência de grupos escolares que menosprezavam os negros dificultando a vida daqueles que queriam

---

12 *A Voz da Raça*, ago de 1935, p. 4.

13 *A Voz da Raça*, ago de 1936, p. 4.

14 *A Voz da Raça*, 31, de dez de 1935, p. 1.

15 *A Voz da Raça*, ago de 1937, p. 3.

16 *A Voz da Raça*, jul de 1936, p. 2.

permanecer na escola. “Ainda se encontra grupos escolares que recebem os negros porque são obrigados, porém os professores procuram menosprezar a dignidade das crianças negra” (A VOZ DA RAÇA, 17 de fev. 1934, p. 2). Relata, mais ainda, que quando o negro galgava qualquer degrau máximo de sua inteligência este era obrigado a viver isolado no dia dos exames, e eles reprovavam os alunos negros para os fazerem passar vergonha. Toda essa exclusão educacional gerava consequências e uma delas era a evasão escolar. Os motivos estão postos acima. Assim, devido ao baixo rendimento escolar os pais tiravam seus filhos das escolas e botavam-lhes em serviços pesados.

Além da forma de como as escolas e os professores recebiam os alunos negros, José Bueno Feliciano, em artigo “o negro na formação do Brasil”, relata que o papel do negro na formação do Brasil é negado constantemente, passando a imagem de que os negros não tem feito outra coisa senão tornar-se, a cada dia, mais bárbaros e ignorantes. Essa imagem negativa tem para ele:

O sentimentalismo envenenado das nossas escolas, com suas referencias mais ou menos tolas, ao “pretinho Benedito”, com os seus elogios de raposas ao heroísmo de Henrique Dias, tem dado ao negro a impressão que seus antepassados foram uns desgraçados e de que os jovens negros só por isso tem de ser sempre uns vencidos. (A VOZ DA RAÇA, 24 de Jun de 1933, p. 4).

Toda essa questão de não reconhecimento da importância do papel da população negra para a formação do país, reflete nos conteúdos escolares que são passados aos alunos nas escolas, como afirmado por Bueno. Além da escola aceitar o aluno negro por obrigação, ela reproduzia uma imagem negativa, reforçando cada vez mais o preconceito racial, deixando o aluno sem nenhuma referência positiva dos feitos dos seus antepassados no Brasil. José Bueno ainda incita aos caluniadores a olharem os documentos sobre os grandes feitos da população negra no Brasil e que os negros estudem também para não serem insultados a todo momento.

Para ter referências era preciso ir buscar nos livros a história, principalmente da contribuição dos negros no país. A Frente criou uma biblioteca para incentivar o gosto pela leitura, o que conseqüentemente levaria os negros a se instruírem. Os livros eram tidos como instrumentos valiosos para a elevação cultural e moral. Jose Bueno diz que “não nos esqueçamos de que só o livro completara a redenção da Gente Negra do Brasil” (A VOZ DA RAÇA, 24 de jun 1933, p. 4). As atividades educacionais não ficaram restritas a sede. Nos

jornais vemos notícias de cursos de alfabetização nas delegações dos interiores e de outros estados.

A delegação do interior que ganhou destaque foi a de Campinas interior de São Paulo, sob a direção de Odilon Trefiglio, José Himzimquer e a Ruth Sampaio, fundada em março de 1932, destacou-se por dedicar uma atenção maior na educação. Outra delegação citada é a do Estado da Bahia, que ganhou elogios no campo da educação, que ofertava instrução a gente negra, tendo já obtido algum êxito.

Com toda essa efervescência no campo da educação a FNB não era a única que realizava projetos educacionais na cidade de São Paulo. Existiam outras entidades também preocupadas com a instrução da raça negra. Temos como exemplo, o Clube Recreativo de 28 de setembro, da cidade de Jundiaí, que em suas dependências mantinham uma escola chamada Cruz e Souza<sup>17</sup>. Na cidade de São Carlos o Centro Cívico José do Patrocínio criou escolas de instrução profissional e alfabetização<sup>18</sup>. Nessa mesma cidade o Grêmio recreativo Flor de Maio abriu, também, uma escola oferecendo cursos que correspondiam ao primário.

Segundo Oliveira (2008), a Revolução de 1930 foi um dos fatores determinantes para o amadurecimento do movimento negro brasileiro e que, a partir da revolução, propiciou às lideranças negras mais ambição de participar da política do país. Com as grandes proporções que a Frente Negra Brasileira estava tomando, esta foi ganhando cada vez mais espaço no cenário nacional. Tomou dimensões tão grandiosas que transformaram a organização em um partido político. Depois de um longo processo em 1936, o Tribunal Superior de Justiça Eleitoral consentiu o registro da Frente Negra Brasileira. Porém, o novo partido não alçou voos longos. Não por questões raciais mas sim, políticas:

A frente acabou por injunção política. Quando deu o golpe político de 1937, o Getúlio fechou também a Frente Negra, isso eu faço questão de dizer porque todo mundo pensa que Getúlio fechou a Frente por preconceito, mas ele fechou porque tinha ostensivamente lá na porta: “Frente Negra brasileira, Órgão Político e Social da Raça”. A frente tinha virado um partido político, um bem estruturado partido político com ramificações no Brasil todo. O golpe de 37 determinou o fechamento de todos os partidos políticos, logicamente a Frente não poderia nem usar mais esse nome. (BARBOSA, 1998, p. 24).

As razões estão apontadas no fragmento acima, o motivo do fechamento da Frente Negra. Com o apoio das forças armadas em 10 de novembro de 1937, Getúlio Vargas determina o fechamento do Congresso Nacional. A partir de então é instaurada a ditadura do

---

17 A voz da Raça, 15 dez, de 1934, p. 2 e abr de 1937, p.2.

18 A voz da Raça, 17 mar de 1934, p. 8.

Estado Novo, onde foram suprimidos direitos e liberdades individuais dos cidadãos, principalmente os direitos políticos. Isso se refletira na abolição de todos os partidos políticos em 2 de dezembro de 1937, tornando-os ilegais. Conseqüentemente, a Frente Negra Brasileira encerrou suas atividades. Dadas as circunstâncias, o nome da entidade passou a ser União Negra Brasileira, mas devido ao golpe tão profundo e contundente, a União Negra não teve condições de sobreviver. Numa tentativa de se recuperar a União Negra depois passou a ser Clube Recreativo Palmares, que também não teve condições de ser uma entidade de grande porte.

### **Considerações finais**

Interrompeu-se assim, os avanços que a FNB conquistou ao longo de sua trajetória, em especial no campo da educação, que poderia ter continuado mas não continuou. Os negros estariam novamente à mercê da própria sorte. Desta forma, durante a década de 1930 a FNB, preocupou-se em fornecer aparatos para que a população negra crescesse e ocupasse seu lugar na sociedade, buscando a união e a solidariedade entre a população de cor. Os líderes fretenegrinos sabiam da importância que era a Instrução Formal, e que a ausência da mesma era um dos fatores fundamentais que levava o negro a viver desqualificado e alienado sem perspectiva de progredir socialmente. A Frente reconheceu o problema da falta de acesso a Instrução e fomentou meios para combater as deficiências educacionais e culturais da população negra, criando as escolas e seus cursos. As conquistas da FNB na educação, possibilitaram a inserção de alguns negros na sociedade. Estes foram consolidando laços e fortalecendo, cada vez mais, o movimento negro, mostrando a importância da construção de uma identidade étnico racial.

### **REFERÊNCIAS**

- ANDREWS, George Reid. **Negros e Brancos em São Paulo (1888-1988)**. Tradução: Magda Lopes; revisão técnica e apresentação: Maria Lígia Coelho Prado. Bauru, São Paulo: EDUSC, 1988.
- BASTIDE, Roger; FERNADES, Florestan. **Brancos e Negros em São Paulo**. São Paulo: Nacional, 1959.
- BARBOSA, Márcio. Aristide Barbosa. In BARBOSA, Márcio. **Frente Negra Brasileira: depoimentos/entrevistas e textos**: Márcio Barbosa; organizador Quilombhoje, São Paulo, 1998. p. 15-34.
- BARBOSA, Márcio. Francisco Lucrécio. In BARBOSA, Márcio. **Frente Negra Brasileira: depoimentos/entrevistas e textos**: Márcio Barbosa; organizador Quilombhoje, São Paulo, 1998. p. 35-54.

- BICUDO, Virgínia Leone. **Estudos e Atitudes Raciais de Pretos e Mulatos em São Paulo**. Tese de Mestrado. São Paulo, Escola Livre de Sociologia de São Paulo, 1945.
- MACIEL, Cleber da Silva. **Discriminações raciais: negros em Campinas**. 2 ed. Campinas:CMU/Unicamp, 1997.
- DOMINGUES, José Petrônio. **Uma história não contada: negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-abolição**. São Paulo: Ed. Senac, 2004.
- DOMINGUES, José Petrônio. **A Insurgência do Ébano**. A história da Frente Negra Brasileira. Tese de Doutorado. São Paulo: FFLCH, USP, 2005.
- Estatuto da Frente Negra Brasileira. **Diário Oficial de São Paulo**. São Paulo, 04 de novembro de 1931.
- FERNADES, Florestan. **Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo**. São Paulo:Ed. Anhembi, 1955.
- OLIVEIRA, Laiana Lannes de. **Entre a Miscigenação e a Multirracialização: Brasileiros Negros ou Negros Brasileiros? Os Desafios do Movimento Negro Brasileiro no Período de Valorização Nacionalista (1930-1950)- A Frente Negra Brasileira e o Teatro Experimental do Negro / Laiana Lannes de Oliveira**. – 2008. Tese de Doutorado –Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História- 2008.
- RISÉRIO, Antônio. **A utopia brasileira e os movimentos negros**. São Paulo: Ed. 34, 2007.
- SANTOS, Sales Augusto dos. **Educação: um pensamento negro contemporâneo**. Jundiaí, Paco Editorial: 2014.

## FONTES HEMEROGRÁFICAS

- RAJOVIA. Males Funereos. **A Voz da Raça**, São Paulo, ano III, n.55, julho de 1936, p. 1.
- A Frente Negra Brasileira e a Instrução. **A Voz da Raça**. São Paulo, ano I, n. 2, 25 de março de 1933, p.4.
- A Voz da Raça**, São Paulo, ano I, n. 31, 3 de fevereiro de 1934, p.4.
- Escola da Frente Negra Brasileira. **A Voz da Raça**, São Paulo, ano II, n. 41, 11 de agosto de 1934, p. 2.
- Curso primário, **A Voz da Raça**, São Paulo, ano III, n.53, maio de 1936, p. 3.
- A Voz da Raça**, São Paulo, ano III, n. 47, 31 de agosto de 1935, p.4.
- A Voz da Raça**, São Paulo, ano III, n. 56, agosto de 1936, p.4.
- Encerramento das aulas da F.B.N. **A Voz da Raça**, São Paulo, ano III, n. 50, 31 de dezembro de 1935, p.1.
- Festa escolar. **A Voz da Raça**, São Paulo, ano IV, n. 68, agosto de 1937, p.3.
- Escola de alfabetização, **A Voz da Raça**, São Paulo, ano III, n 55, julho de 1936, p.2.
- SILVA, Olimpio M. O que foi a raça negra. **A Voz da Raça**, São Paulo, ano I, n. 32, 17 de fevereiro de 1934, p.2.
- FELICIANO, José Bueno. O negro na formação do Brasil. **A Voz da Raça**, São Paulo, ano I, n. 14, 24 de junho de 1933, p.4.
- Escola “Cruz e Sousa”. **A Voz da Raça**, São Paulo, ano II, n. 4, 15 de dezembro de 1934, p.2.
- A Voz da Raça**, São Paulo, ano IV, n. 64, abril de 1937, p.2.
- Centro Cívico José do Patrocínio. **A Voz da Raça**, São Paulo, ano I, n. 33, 17 março de 1934, p.8.

Recebido em: 19 de março de 2020  
Aprovado em: 12 de setembro de 2020